

JULIE MURPHY

1º LUGAR NA LISTA DE BEST-SELLERS DO NEW YORK TIMES



DUMPLIN'

CRESÇA E APAREÇA. FAÇA E ACONTEÇA!

valentina 



**DUMPLIN'**

“Estou obcecada com este humor ferino, este realismo comovente.

Personagens por quem nos apaixonamos e torcemos.

*Dumplin’* é uma verdadeira estrela.”

Katie Cotugno, autora de *Duas vezes amor* e *99 Days*



“*Dumplin’* deveria ser leitura obrigatória para qualquer pessoa, mulher ou homem, que já tenha se sentido desconfortável – mesmo que só uma pontinha – com o próprio corpo. A estrela de Julie Murphy continua a brilhar com esta história revolucionária e comovente que mudará muitas vidas.”

John Corey Whaley, premiado autor de *Quando tudo volta* e *Noggin*



“O livro retrata e desafia os estereótipos dos concursos de beleza, dos problemas com a obesidade e da aceitação feminina.

De maneira delicada e maravilhosa, *Dumplin’* expõe questões de gênero e mostra que mesmo pessoas aparentemente autoconfiantes sofrem com o bullying e vivem momentos de dúvida.”

VOYA



“Julie Murphy conectou todas as peças da história, de forma que, quando unidas, criaram um livro afetuoso, engraçado e que nos faz refletir.”

*Publishers Weekly*, resenha estrelada



“A voz autêntica da protagonista leva o leitor a pensar sobre tudo que constrói – e destrói – a autoestima.”

*Booklist*, resenha estrelada



“Uma leitura gostosa e agradável para todos os adolescentes que, em algum momento, não se sentiram bem na própria pele.”

*School Library Journal*

JULIE MURPHY



# DUMPLIN'

CRESÇA E APAREÇA. FAÇA E ACONTEÇA!

*Tradução*

Heloísa Leal

valentina



Rio de Janeiro, 2017

1ª Edição

Copyright © 2015 by Julie Murphy  
Publicado mediante contrato com Folio Literary  
Management, LLC e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL

*Dumplin'*

CAPA

Raul Fernandes

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Daniel Stolle

DIAGRAMAÇÃO

Fatima Agra | FA studio

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M96d

Murphy, Julie

*Dumplin'* / Julie Murphy; tradução Heloísa Leal. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Valentina, 2017.  
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Dumplin'*

ISBN 978-85-5889-031-1

1. Romance americano. I. Leal, Heloísa. II. Título.

17-41324

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Dedicado a todas as gordelícias.*



Descubra quem você é e faça isso de propósito.

*Dolly Parton*







# UM

As melhores coisas que aconteceram na minha vida começaram com uma música da Dolly Parton. Até mesmo a minha amizade com Ellen Dryver.

A canção que nos uniu foi “Dumb Blonde”, do álbum de estreia, *Hello, I’m Dolly*, de 1967. Foi no verão anterior ao primeiro ano do ensino fundamental, quando a minha tia Lucy e a Sra. Dryver resolveram trocar figurinhas, já que ambas eram fãs da Dolly. Enquanto bebericavam chá gelado na sala, Ellen e eu assistíamos a desenhos na tevê sentadas no sofá, sem saber o que pensar uma da outra. Até que numa tarde ouvimos aquela música tocando no som da Sra. Dryver. Ellen começou a marcar o ritmo com o pé enquanto eu cantava, e, antes mesmo do refrão, já estávamos girando pela sala e soltando a voz. Felizmente, tanto essa amizade quanto a admiração por Dolly duraram mais que uma música.



Estou esperando por Ellen na frente do Jeep do namorado dela, e o sol no meu rosto me obriga a recuar o tronco cada vez mais ali no asfalto do estacionamento da escola. Tento não ficar me contorcendo enquanto a vejo passar pela saída e abrir caminho pela multidão de alunos que deixam o prédio.

El, o apelido que lhe dei, é tudo que eu não sou: alta, loura e com o dom de ser desajeitada e sexy ao mesmo tempo, paradoxo que só parece existir nas comédias românticas. Ela sempre se sentiu confortável no próprio corpo.

Não estou vendo Tim, o namorado dela, mas não tenho a menor dúvida de que deve estar alguns passos atrás com o nariz enfiado no celular, conferindo os resultados dos jogos que perdeu durante a aula.

A primeira coisa que eu notei ao conhecer Tim foi o fato de ele ser, no mínimo, uns dez centímetros mais baixo do que El, mas ela nunca deu a mínima. Quando mencionei a diferença de estatura, ela sorriu, o rubor no rosto se espalhando pelo pescoço, e disse: “Fofa, né?”

El freia os passos ao chegar diante de mim, ofegante.

— Você vai trabalhar hoje à noite, não vai?

Pigarreio.

— Vou.

— Nunca é tarde pra descolar um emprego de verão no shopping, Will.

— Ela se recosta no Jeep, seu ombro cutucando o meu. — Comigo.

Faço que não com a cabeça.

— Eu gosto do Harpy's.

Um caminhão passa voando à nossa frente, em direção à saída.

— Tim! — grita Ellen.

O distraído para bruscamente e acena para nós no instante em que o caminhão tira um fino dele, a um triz de achatá-lo feito panqueca.

— Pelo amor de Deus! — murmura El, num tom de voz que só eu posso ouvir.

Acho que eles foram feitos um para o outro.

— Obrigado pelo aviso — agradece ele ao longe.

Mesmo que estivéssemos no meio de uma invasão alienígena, Tim diria: “Tranquilo.”

Depois de atravessar o estacionamento, ele guarda o celular no bolso traseiro e dá um beijo em El. Não daqueles nojentos, de boca aberta, mas um selinho que mostra que sentiu saudades e que ainda a acha tão bonita como no primeiro encontro.

Deixo escapar um longo suspiro. Se pudesse olhar para o lado todas as vezes que vejo um casal se beijando, tenho certeza de que minha vida seria, pelo menos, dois por cento mais feliz.

Não que eu sinta inveja de Ellen e Tim, ou que ache que ele está roubando minha amiga de mim, ou mesmo que o queira para mim. Mas quero o que eles têm. Quero alguém que me beije sempre que me encontrar.

Dou um jeito de passar espremida entre os dois, indo até a trilha que cerca o campo de futebol americano.

— O que aquelas garotas estão fazendo ali? — Várias meninas de shortinho e regata rosa-choque se movimentam pelo local.

— Elas organizaram um *boot camp*, um campo de treinamento para o concurso — responde Ellen. — Vai durar o verão inteiro. Uma das minhas colegas de trabalho na Sweet 16 vai participar.

Não faço o menor esforço para não revirar os olhos. Clover City não é famosa por grandes feitos. De tantos em tantos anos, nosso time de futebol americano consegue chegar às finais, e de vez em quando alguém dá um jeito de sair da cidade e realizar algo digno de reconhecimento. Mas a única coisa que põe a nossa cidadezinha no mapa é o fato de sediar o concurso de beleza mais antigo do estado, o Miss Jovem Flor do Texas, que começou na década de 1930 e vem se tornando mais popular e mais ridículo a cada ano. Estou por dentro porque a minha mãe dirige o comitê organizador há quinze anos.

Ellen tira as chaves do bolso traseiro da bermuda de Tim antes de me dar um abraço.

— Tenha um bom-dia. Se liga, vê se não deixa respingar gordura em você na lanchonete. — Em seguida, ela destranca a porta do motorista e diz para Tim, que está do outro lado: — Deseje um bom-dia para a Will.

Ele levanta a cabeça por um momento e abre o tal sorriso que Ellen tanto ama.

— Will. — Tim pode passar a maior parte do tempo com a cara no celular, mas quando abre a boca... aí é que a gente entende por que uma garota

como a El não quer saber de outro cara. — Espero que tenha um bom-dia. — E faz uma reverência até a cintura.

El revira os olhos, senta-se ao volante e enfia um pedaço de chiclete na boca.

Aceno para os dois, e já estou quase chegando no meu carro quando eles passam por mim e Ellen grita *tchaaaau*, com o megassucesso da Dolly “Why’d You Come in Here Lookin’ Like That” jorrando dos alto-falantes.

Estou procurando as chaves na bolsa, quando vejo Millie Michalchuk vindo pela calçada em passos pesados, atravessando o estacionamento.

E imagino a cena antes de acontecer. Recostado à minivan dos pais está Patrick Thomas, um garoto que deve ser o maior babaca de todos os tempos. Seu maior talento é pôr apelidos nas pessoas e fazer com que peguem. Um ou outro até se salva, mas em geral são coisas do tipo *Haaaaaaaannah* pronunciado com um relincho de cavalo, porque a garota é... dentuça. Pois é, o cara é esperto.

Tenho vergonha de admitir que Millie é o tipo de pessoa que a vida inteira me fez pensar: *As coisas poderiam ser piores*. Sei que sou gorda, mas a gordura de Millie é do tipo que exige elástico na cintura, porque não fazem calças com botões e zíperes no seu tamanho. Ela tem olhos muito próximos e narinas largas. Ainda por cima usa camisetas estampadas com cachorrinhos e gatinhos, e não é por ironia.

Patrick fica na frente da porta do motorista, ele e o barulhento grupo de amigos que já estão grunhindo como porcos. Millie começou a dirigir há algumas semanas, e quem a vê se exibindo naquela minivan pensa até que é um Camaro.

Ela está prestes a dobrar a esquina e deparar com os palhaços reunidos em volta da van, quando grito:

— Millie! Chega aqui!

Abaixando as alças da mochila presa às costas, ela muda de direção e se aproxima, o sorriso fazendo as bochechas rosadas chegarem quase às pálpebras.

— Oiê, Will!

Sorrio para ela.

— Oi. — Nem pensei direito no que lhe diria quando estivesse na minha frente. — Parabéns por ter tirado carteira de motorista — improviso.

— Ah, obrigada. — Ela torna a sorrir. — É muito gentil da sua parte.

Atrás dela, vejo Patrick Thomas achatar o nariz com o dedo, para ficar igual a um focinho de porco.

Fico ouvindo Millie me contar como teve que reprogramar toda a memória das estações no rádio da mãe e como foi sua primeira vez num posto de gasolina. Patrick me dá uma geral. Ele é o tipo de cara que você torce para nunca te notar, mas não adianta eu tentar ficar invisível. Um elefante não tem como se esconder.

Millie conversa comigo por alguns minutos, e então Patrick e os amigos desistem e vão embora. Ela faz um gesto, indicando a van às suas costas.

— Porque, afinal de contas, eles não ensinam a gente a abastecer nas aulas de direção, e aquele negócio...

— Olha... — interrompo. — Desculpe, mas já estou atrasada para o trabalho.

Ela faz que sim.

— Mais uma vez, parabéns.

Fico vendo Millie caminhar até o carro. Ela ajusta todos os espelhos antes de dar marcha à ré e sair da vaga no meio do estacionamento quase deserto.



Estaciono nos fundos da lanchonete Harpy's Burgers & Dogs, corto caminho pelo drive-thru e toco a campainha. Como ninguém atende, toco de novo. O sol a pino do Texas castiga minha cabeça.

E eu lá parada, esperando, quando um sujeito com uma pinta esquisita, usando um chapéu de pescador e uma camiseta suja, passa pelo drive-thru e solta um pedido quilométrico e cheio de detalhes, chegando a mencionar o número exato de pickles que quer no hambúrguer. A voz no alto-falante anuncia o total. Ele olha para mim, abaixando os óculos de lentes alaranjadas, e solta na lata:

— E aí, delícia.

Dou meia-volta, segurando o uniforme com força ao redor das coxas, e toco a campainha quatro vezes. Meu estômago dá voltas e mais voltas de vergonha.

Eu não *tenho* que vir trabalhar de sainha. Também posso usar calça comprida. Mas o cós da calça de poliéster não era elástico o bastante para passar

pela minha cintura. Ponho a culpa na calça. Não gosto de pensar nos meus quadris como um estorvo e sim como um atrativo. Afinal, se estivéssemos, digamos, em 1642, esse popozão de parideira valeria muitas vacas.

A porta se entreabre e escuto a voz de Bo do outro lado:

— Eu já tinha ouvido nas outras três vezes.

Sinto um arrepio. Não vejo Bo até ele abrir um pouco mais a porta para eu entrar. A luz do dia ilumina seu rosto. A barba está por fazer. Um sinal de liberdade. As aulas na escola em que ele estuda — um colégio católico grã-fino, onde os alunos são obrigados a usar um uniforme todo elegante — acabaram no começo da semana.

O cano de descarga do carro solta um estouro no drive-thru às minhas costas, e eu entro correndo. Meus olhos demoram um segundo para se acostumarem com a penumbra.

— Desculpe o atraso, Bo — digo a ele. Bo. A sílaba pula no meu peito, e eu adoro. Adoro o tom categórico desse nome tão curto. É o tipo de nome que diz: *Sim, tenho certeza absoluta.*

Sinto um incêndio nas entranhas que me sobe até o rosto. Passo os dedos pelo queixo, os pés afundando no concreto como se fosse areia movediça.

A Verdade: sou totalmente apaixonada pelo Bo desde que o conheci. Ele tem um cabelo castanho despenteado que se enrola no maior ninho de rato no alto da cabeça. E fica ridículo naquele uniforme vermelho e branco. Parece um urso num tutu de bailarina. As mangas de poliéster superjustas nos braços me fazem pensar no quanto seus bíceps e meus quadris devem ter em comum. Menos a capacidade de fazer musculação, é claro. Uma correntinha de prata aparece acima da gola da camiseta, e os lábios estão melados de corante, graças ao seu estoque infindável de pirulitos vermelhos.

Ele estende o braço para mim, como se fosse me abraçar.

Respiro fundo.

E solto o ar quando ele estica o corpo à minha frente para passar o trinco na porta de entregas.

— Ron está doente e não veio trabalhar, por isso hoje vamos ser só eu, você, Marcus e Lydia. Acho que ela foi obrigada a emendar dois turnos, portanto, já estou avisando.

— Obrigada. Você não vai mais à escola, não é?

— Não, as matérias já acabaram.

— Acho legal você dizer “matérias” em vez de “aulas”. É como se já estivesse na faculdade e só tivesse duas matérias por dia, e o resto do tempo pudesse dormir à vontade num sofá e... — Caio em mim. — Vou guardar minhas coisas.

Ele aperta os lábios num meio sorriso.

— Vai lá.

Entro correndo na sala dos funcionários e guardo a bolsa no armário.

Nunca fui do tipo que fala muito, mas o que sai da minha boca na frente de Bo Larson põe uma diarreia verbal no chinelo. É mais como uma erupção vulcânica verbal, uma coisa grotesca.

No dia em que nós nos conhecemos, quando eu tinha acabado de ser contratada, estendi a mão e me apresentei: “Willowdean. Caixa, fã da Dolly Parton e gorda de plantão.” E esperei pela resposta... que não veio. “Bem, também sou outras coisas. Mas...”

“Bo”, a voz foi seca, mas os lábios se curvaram num sorriso. “Meu nome é Bo.” Quando ele apertou minha mão, mil lembranças que nunca tive se acenderam num flash. Nós dois de mãos dadas no cinema. Andando pela rua. Juntinhos num carro.

Ele soltou minha mão.

Naquela noite, enquanto relembrava nosso primeiro contato, percebi que ele não tinha ficado constrangido ao me ouvir dizer que era gorda.

E gostei disso.

Porque a palavra *gorda* deixa as pessoas constrangidas. Mas, quando alguém me vê, a primeira coisa que nota é o meu corpo. E o meu corpo é de uma gorda. Por exemplo, eu posso notar que algumas garotas têm peitos grandes, cabelos oleosos ou joelhos ossudos. São coisas que é permitido dizer sem rodeios. Mas a palavra *gorda*, que é a que melhor me descreve, deixa as pessoas desconfortáveis.

Mas essa sou eu. Gorda. Não é nenhum palavrão. Não é nenhum insulto. Pelo menos, não quando eu digo. Por isso, sempre me pergunto: por que não chutar logo de uma vez para longe essa pedra do caminho?